UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS – HABILITAÇÃO LÍNGUA PORTUGUESA

FERNANDA RAYANA BARBOSA SILVA

LEITURA E ESCRITA: UMA SAÍDA PARA O ENSINO DE LITERATURA

Campina Grande – PB
2016

FERNANDA RAYANA BARBOSA SILVA

LEITURA E ESCRITA: UMA SAÍDA PARA O ENSINO DE LITERATURA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de graduação em Letras (Habilitação Portuguesa) da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências legais para a obtenção do título de licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Edson Tavares Costa.

Campina Grande – PB
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586l Silva, Fernanda Rayana Barbosa
Leitura e escrita [manuscrito] : uma saída para o ensino de literatura / Fernanda Rayana Barbosa Silva. - 2016.
33 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. Edson Tavares Costa, Departamento de Letras e Artes".

1. Ensino de literatura 2. Prática pedagógica 3. Leitura 4. Escrita 5. Educação no Brasil I. Título.

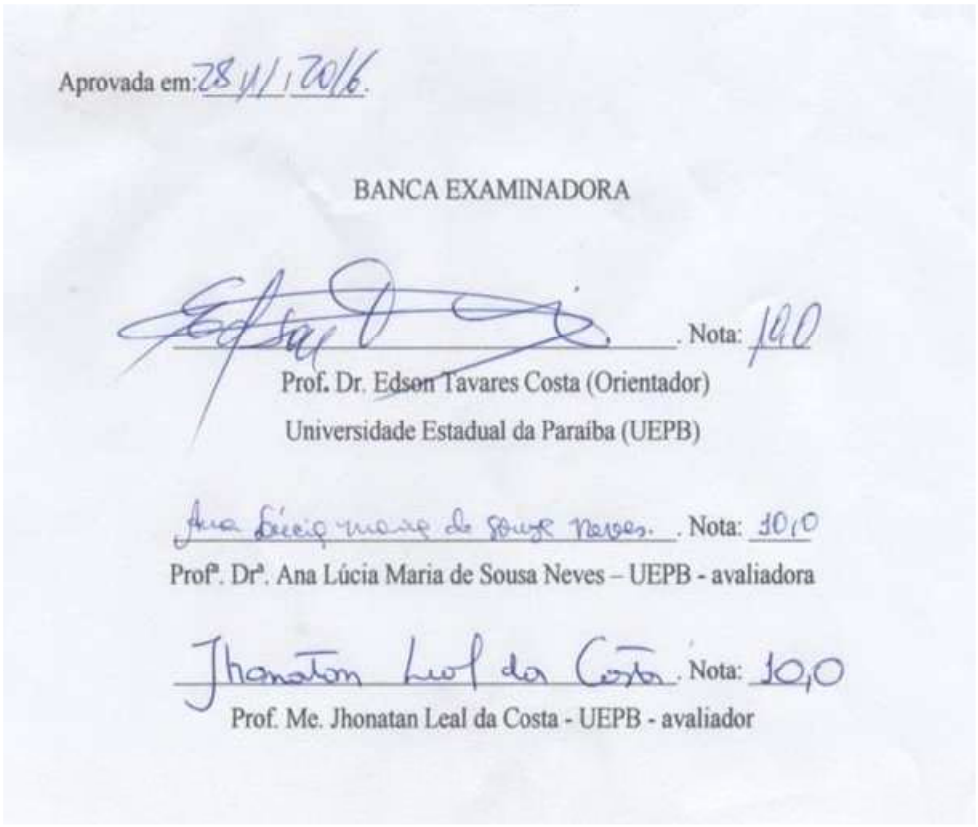
21. ed. CDD 372.6

FERNANDA RAYANA BARBOSA SILVA

LEITURA E ESCRITA: UMA SAÍDA PARA O ENSINO DE LITERATURA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de graduação em Letras (Habilitação Portuguesa) da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências legais para a obtenção do título de licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Edson Tavares Costa.



Aprovada em: 28/1/2016.

BANCA EXAMINADORA

. Nota: 10,0

Prof. Dr. Edson Tavares Costa (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ana Lúcia Maria de Sousa Neves. Nota: 10,0

Profª. Drª. Ana Lúcia Maria de Sousa Neves – UEPB - avaliadora

Jhonatan Leal da Costa. Nota: 10,0

Prof. Me. Jhonatan Leal da Costa - UEPB - avaliador

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Franciléa de Souza Barbosa e Fernando Barbosa da Silva, por terem acreditado nos meus passos e oferecido todo o apoio necessário;

Ao meu irmão Fernando Ruan que sempre terei em conta;

Aos meus avós, Maria de Souza Barbosa e Francisco Evaristo Barbosa, pelo carinho e cuidados imensuráveis;

À Helaine de Souza pela parceria de sempre;

Ao meu orientador Edson Tavares Costa por todas as contribuições feitas na minha formação;

Ao escritor e professor pernambucano Fernando Farias, pela amizade e, por ter concedido uma parte do seu precioso tempo para responder perguntas que iriam auxiliar ao longo da minha pesquisa;

Aos meus professores do curso de Letras da UEPB, em especial, os que compuseram a banca, Jhonatan Leal da Costa e Ana Lúcia Souza;

Aos amigos de curso por todos os momentos compartilhados e experiências divididas;

"Há livros que fazem mal: os livros silenciosos. Os que ficam fechados, que nunca foram lidos ".

Fernando Farias – Escritor

LEITURA E ESCRITA: UMA SAÍDA PARA O ENSINO DE LITERATURA

Fernanda Rayana Barbosa Silva[1]

RESUMO

Este trabalho pretende refletir sobre algumas razões que transformam as aulas de Literatura nas escolas brasileiras, em matéria enfadonha, para, em seguida, propor soluções que dialogam com os debates mais recentes no meio acadêmico, sobre o tema. Pesquisa de cunho investigativo, bibliográfico, de caráter qualitativo, propõe a análise do poder contido na palavra literária, a visão subjetiva que promove debates, incita revoluções e gera polêmicas. Para a realização do referente estudo, foram consultados Costa (2003), Bakhtin (1997), Foucault (2009), Todorov (2012), Chartier (2009), Cosson (2006) e outros teóricos da área. Na tentativa de auxiliar nas reflexões desenvolvidas, foi feita entrevista com o escritor e professor pernambucano Fernando Farias. Procurou-se reavaliar as práticas sociais adotadas nas escolas brasileiras e formular estratégias que possam desenvolver leitores proficientes, que intervenham e promovam modificações no processo cultural.

Palavras-chave: Literatura. Diálogos. Novas Práticas.

Introdução

Não foram poucos os que tentaram justificar a natureza diferenciada atribuída à linguagem literária. Sua representação de fatos reais ou fictícios promove reflexões que vão muito além dos textos considerados comuns, os gêneros textuais do nosso cotidiano.

É evidente o poder de influência da Literatura na vida das pessoas, esta linguagem, torna-se necessária, e, de extrema importância para a formação de jovens e crianças. Na maioria das vezes, é a escola incumbida de "instrumentalizar o aluno para a leitura de textos escritos" (COSTA, 2003, p. 4).

Porém, "a própria formação precária de um grande número de profissionais da escrita que não são leitores, tendo, no entanto, que ensinar a ler e a gostar de ler" (KLEIMAN, 2007, p. 15) constitui a primeira ameaça ao assassinato do gosto literário na vida do jovem estudante.

Desse modo, a presente pesquisa, investiga algumas razões que transformaram o ensino de Literatura em matéria enfadonha. Complementamos nossos estudos, aliando a experiência prática de um escritor pernambucano, que aceitou tecer opiniões em favor da pesquisa

[1] Aluna de graduação em Letras Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Paraíba - Campus I. E-mail: rayanafernanda39@gmail.com

desenvolvida. Por último, propomos a reavaliação do ensino de Literatura e a procura de soluções condizentes, que dialogam com as teorias discutidas em meio acadêmico. "O mergulho mais amplo no escrito literário, a visita diletante aos meandros pelos quais o autor nos leva constitui-se em uma das mais completas sensações de **gozo intelectivo** que podemos experimentar" (COSTA, 2003, p. 4 - Grifo nosso).

A revisão da literatura leva em conta os apontamentos de Bakhtin (1997), Costa (2003), Foucault (2009), Todorov (2012), Chartier (2009) e outros estudiosos da área. O levantamento bibliográfico considera as pesquisas mais pertinentes e atualizadas, referentes ao assunto, obtidas por meio de entrevista. Pesquisa qualitativa, uma vez que "explora as características dos indivíduos e cenários que não podem ser facilmente descritos numericamente. O dado é frequentemente verbal e é coletado pela observação, descrição e gravação" (MOREIRA, 2008, p. 73).

A palavra literária e o poder

Em algum momento da nossa finita passagem neste mundo, deparamo-nos com questões cruciais, isto é, perguntas que nos levam a refletir sobre o estilo de vida que vivemos. Tais conjecturas não apenas atormentam o pensamento do homem moderno, mas sempre estiveram presentes na construção de nossa humanidade: "Temos impressão de que o primeiro sentido dado para a vida pelo homem consistia na sua relação com o mágico, o sagrado, o religioso" (CAVALCANTI, 2002, p.20).

Sêneca, um dos maiores intelectuais do império romano, em seu discurso intitulado *Sobre a Brevidade da Vida*, denuncia o que viria a ser um dos maiores males enfrentados pelo homem, o vício das paixões mundanas. E esclarece: "O fato é o seguinte: não recebemos uma vida breve, mas a fazemos, nem somos dela carentes, mas esbanjadores"[2].

Essa mesma busca pela verdade também pode ser observada em depoimentos concedidos na entrevista entre Bill Moyers e Joseph Campbell, que deu origem ao *bestseller O Poder do Mito* (1990):

> O que temos hoje é o mundo desmitologizado. E, em consequência, meus estudantes, hoje, estão muito interessados em mitologia, **porque os mitos lhes trazem uma mensagem**. (...) Quando vou dar uma conferência em alguma

[2] http://lelivros.today/book/baixar-livro-sobre-a-brevidade-da-vida-seneca-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online, acesso em 16/07/2016.

> faculdade, encontro uma sala abarrotada de estudantes que vieram ouvir o que tenho a dizer. A escola frequentemente me destina uma sala muito pequena – menor do que deveria ser, porque eles ignoram o excitamento que o assunto provoca entre os estudantes. (CAMPBELL, 1990, p. 22 - grifo nosso)

Mas o que esses mitos possuem de tão extraordinários? Quais características diferenciam tais produções dos textos corriqueiros, publicados em nossos jornais e revistas? Campbell (1990, p.17) nos oferece uma resposta: "Mitos são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana"; o autor também defende que com uma introdução apropriada o mito pode ser capaz de "capturar" as pessoas.

Segundo Cavalcanti (2002, p.21), existe, no centro do sujeito, o ser narrativo, dotado do desejo de compreender a vida e o mundo. Cada representação criada produz uma dimensão simbólica de significados, que, convertidos em palavras, podem nos ajudar a perceber um pouco mais "a coisa real", e atribuir interpretações aproximadas da verdade, pois os seres humanos não possuem a capacidade de captar o "tudo" durante seus mergulhos contemplativos, mas é essa permanente busca da verdade que ajuda o homem a sair do seu estado estritamente animal para galgar os primeiros passos, rumo à produção cultural.

Desse modo, acreditamos firmemente na existência de "uma literatura adulta a ser cuidada, uma que é arte, e não apenas aparelho ideológico do Estado, instrumento de propaganda de uma linha política, de um racismo, de uma seita religiosa" (KOTHE, 2004, p. 467). Essa arte necessita ser bem compreendida, na função do devaneio provocado.

A preparação do leitor jovem começaria ao promover o reconhecimento dos clássicos da literatura grega, argumento este, enfatizado, por meio dos escritos de São Basílio, na época, bispo na atual Turquia, no século IV. Os mitos da Literatura profana deveriam servir de preparação aos jovens, para logo mais, confirmarem as verdades reforçadas nas sagradas escrituras. Desse modo, a seleção do material de leitura deveria ser criteriosa, pois, os poetas que reforçassem injúrias e louvores aos vícios humanos deveriam ser evitados, assim como fez Ulisses ao perceber o canto das sereias. E nos reforça a buscar por escritores, filósofos e poetas que incentivam os caminhos virtuosos, discursos estes, que fariam os leitores admirá-los e colocarem em prática os exemplos de grandes personagens, para sua própria vida. Vale ressaltar a comparação destacada por São Basílio (CESAREIA, 2012, p. 38):

> Das flores, nos contentamos em apreciar suas cores e sentir seu perfume; no entanto, as abelhas delas extraem a substância para produzir o mel. Do mesmo modo, aqueles que nas suas leituras não procuram unicamente o prazer poderão extrair coisas úteis para o espírito. Enfim, devemos imitar as abelhas, que não voam indiscriminada-

> mente sobre todos os tipos de flores; escolhem somente as mais aptas para lhes fornecer aquilo que é útil ao seu trabalho, abandonando o resto inútil.

Portanto, ao constatarmos nos dias de hoje o reconhecimento pelas obras de caráter artístico e filosófico realizadas no passado, não implica afirmar que, antes, o valor enquanto produção literária era duvidosa, uma vez que, "uma obra já nasce com as marcas de ser filosofia ou arte. Não importa o fato de isso não ser reconhecido pelos contemporâneos: pior para eles." (KOTHE, 2004, p. 471).

Valem salientar as considerações de Barthes (1973) de que é preciso haver engajamento do escritor, na tentativa de convencer o leitor ao esforço da leitura, a possibilidade de criar um espaço da fruição, para, em seguida, oferecer as provas necessárias de que o texto deseja e merece a atenção de seu leitor alvo.

Texto que provoca prazer, no entanto, não seria aquele que somente "dá euforia", compactua com a opinião do leitor e o deixa numa situação confortável. Para Barthes (1973, p.49), o texto de fruição seria aquele que coloca o leitor em situação desconfortante, um texto que questiona as próprias bases históricas, culturais e psicológicas do leitor, coloca à prova seus valores, gostos pessoais e recordações, "faz entrar em crise a sua relação com a linguagem" (*Op. Cit*., p. 49).

Não é à toa que a Literatura, historicamente falando, tem impactado a maneira de pensar de seus leitores. Foster (2011, p.11) ainda observa elementos comuns às diferentes formas de Literatura, isto é: "padrões de composição, imaginação, linguagem figurativa, utilização do detalhe, invenção, a lista é longa". Semelhanças e diferenças fazem parte da composição literária de cada gênero, razões estas, que dificultam o estabelecimento de uma definição única e universal.

Segundo Lajolo (1983, p.25), não existe um conceito único para o que venha a ser a verdadeira Literatura, pois as gerações de cada tempo e grupos sociais distintos proporcionaram respostas para uso interno e se motivaram a engatar novos debates e teorias no lidar com os novos tipos de poemas, romances e contos, por exemplo. A Literatura possui uma estética que a particulariza: "A linguagem que a caracteriza é necessariamente ambígua e em permanente atualização e abertura, vinculadas estreitamente ao caráter conotativo que a singulariza" (PROENÇA FILHO, 1990, p. 29).

Em contrapartida, se a verdadeira Literatura não ganha o devido crédito para fomentar a sua mensagem, quem mais perde somos todos nós. Ordine (2016) chama a atenção para o fato de que, nas últimas décadas, as disciplinas humanísticas têm sido postas de lado, e, portanto, recebido menos incentivos governamentais ou de iniciativas privadas, nos currículos escolares e universitários, visto que se trata de saberes que não proporcionam ganhos imediatos, isto é, não têm fins meramente utilitaristas.

Diante de eventuais crises econômicas, os setores de artes e cultura tornam-se os mais prejudicados pelos cortes de gastos estabelecidos pelo governo, ignora-se o fato de que a literatura e os saberes humanísticos "constituem o líquido amniótico ideal no qual podem se desenvolver vigorosamente as ideias de democracia, liberdade, justiça, laicidade, igualdade, direito a crítica, tolerância, solidariedade e bem comum". (ORDINE, 2016, p.22). Grandes instituições de ensino, espalhadas pelo mundo, gesticulam caminhos que visem facilitar os conteúdos programáticos ensinados nas universidades, para controlar as despesas que teriam com os alunos que não conseguissem obter seus diplomas em tempo determinado, redução de custos que provoca "uma repetição manualesca e superficial do que já existe" (*Op cit*. p.68).

Se hoje o ensino de Literatura nas escolas encontra-se engessado em reflexões sobre o estudo da história literária, os gêneros, a singularidade das argumentações e os possíveis efeitos no leitor alvo, isso se deve à maneira como foram conduzidas as reflexões dentro do ambiente acadêmico.

Tzvetan Todorov, filósofo e linguista búlgaro, graduado em Letras pela Universidade de Sófia, em 1956, autor do livro *A Literatura em Perigo* (2012), apresenta, logo nas primeiras páginas, as razões pessoais que o motivaram a seguir um caminho diferente, quanto ao estudo do objeto literário. O autor, durante a graduação, se mostrara incomodado com a metodologia aplicada nos cursos de Literatura, na Bulgária: "metade era erudição e a outra metade se compunha de propaganda ideológica" (TODOROV, 2012, p.16). Os autores estudados teriam que ser porta-vozes da doutrina comunista, caso contrário, a temática teria falhado – razões suficientes para desclassificar tais escritos literários.

Todorov (2012, p. 26) também reconheceu a necessidade de revisar a teoria ensinada na disciplina de Literatura, nas escolas francesas: "Os estudos literários têm como objetivo primeiro o de nos fazer conhecer os instrumentos dos quais se servem". Vale salientar que tais teorias críticas, advindas dos mais variados métodos de análise, não deveriam tornar o aluno um especialista da técnica literária, mas, antes de tudo, priorizar o essencial, isto é, realizar

tentativas de descobrir o mundo evocado: "um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo" (*Op. Cit.*, p. 33).

A Literatura é capaz de fascinar seus leitores, consequentemente, sugerir interpretações nem sempre previsíveis. A censura sempre esteve presente na condução do pensamento da humanidade e não somente os governos totalitários temem os resultados obtidos por inúmeras leituras, mas os próprios leitores reconhecem o poder existente nas palavras de um livro. Manguel (2004, p. 21), ao relatar sua experiência de leitor, observa a reputação ambígua que provém dessa autoridade adquirida pelo leitor:

> É reconhecido como sábio e frutífero, mas é também visto como desdenhosamente exclusivo e excludente, (...) talvez porque a imagem de um indivíduo enroscado num canto, aparentemente esquecido dos grunhidos do mundo, sugerisse privacidade impenetrável, olhos egoístas e ação dissimulada singular. (...) O medo popular do que um leitor possa fazer entre as páginas de um livro é semelhante ao medo intemporal que os homens têm do que as mulheres possam fazer em lugares secretos de seus corpos, e do que as bruxas e os alquimistas possam fazer em segredo, atrás de portas trancadas.

Michel Foucault, em aula inaugural no Collège de France, argumenta sobre os poderes e perigos que rondam o discurso pronunciado ou escrito. A materialidade da palavra poderia por vezes, supor lutas, vitórias, dominações e servidões, mas este tipo de produção não poderia ser conduzido de qualquer maneira. O autor supõe a presença de interdições em toda a sociedade: "Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala" (FOUCAULT, 2009, p. 9). Tais interdições estariam em regiões ligadas à sexualidade e à política, pois, mais do que uma tradução dos eventos e das formas do sistema, a palavra tem o poder de revelar um desejo.

A vontade de saber verdades levou estudiosos a investigar diferentes discursos. O discurso verdadeiro já não era aquele defendido por determinada instituição, e ao qual a sociedade era obrigada a submeter-se com respeito e terror. Com o decorrer dos séculos, a verdade seria questionada por meio da investigação do próprio enunciado.

A literatura ocidental, inclusive, precisou obter apoio na ciência. A retomada de discursos ditos anteriormente, não consistiria em apenas parafrasear, mas revelar um ponto ainda não dito. Daí a importância de identificar seus autores, principalmente os ligados na ordem do discurso literário. É isso que Foucault (2009) procurou reforçar em sua palestra, isto é, a fun-

ção do autor tornara-se algo indispensável. Narrativas, poemas, dramas ou comédias não poderiam circular no anonimato, na Idade Média, e essa ideia persiste até os dias de hoje:

> pede-se que o autor preste contas da unidade de texto posta sob seu nome; pede-se-lhe que revele, ou ao menos sustente, o sentido oculto que os atravessa; pede-se-lhe que os articule com sua vida pessoal e suas experiências vividas, com a história real que os viu nascer. O autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real. (FOUCAULT, 2009, p.27-28).

Bakhtin (1997), ao tentar analisar o produto ideológico, observa que este fenômeno está ligado às condições e às formas de comunicação social; o signo seria a materialização dessa comunicação, introduzida na consciência individual de cada um que participa da vida em sociedade. Esse aspecto fica mais claro quando investigamos todas as linguagens possíveis, isto é, a linguagem verbal e a linguagem não verbal. No primeiro momento, a semiótica seria a ciência que tem por objetivo identificar os modos de constituição e produção de novos sentidos e significados.

O fenômeno ideológico, resultado de tal premissa, é determinado pela interação das leis econômicas e sociais, experiência que proporciona diferentes interpretações para um mesmo produto, desvinculado de uma simbologia externa.

Bakhtin (1997, p. 36) atribuiria a palavra como sendo *o fenômeno ideológico por excelência,* isto é, advindo do discurso interior, produzido pelo homem, algo intrínseco, liberado pelo seu aparelho fonador, diferente de outras linguagens, que são externas. A palavra também possuiria a propriedade de ser um signo neutro, diferentemente de outros signos criados para representar contextos ideológicos particulares de um grupo. É neutra do ponto de vista estético, religioso, moral e científico: "A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social".

Segundo Bakhtin (*op. cit.*), seu estudo deveria ir além dos atribuídos pela linguística e pela filosofia da linguagem, pois, a palavra, assim como as demais formas de linguagem, nada seria sem o seu conteúdo semiótico e ideológico. De caráter polissêmico e dinâmico nas interações sociais, o contexto ofereceria pistas simbólicas para a interpretação ideal, instrumento da consciência, capaz de acompanhar e comentar todas as demais formas de linguagem. Portanto, a palavra é muito mais do que aspectos fonéticos, morfológicos, sintáticos e semânti-

cos; ao tentarmos compreender meticulosamente o poder presente no signo ideológico, poderemos, posteriormente, refletir sobre as relações humanas e seus conflitos.

Todorov (2012, p. 83) retoma as correspondências trocadas entre George Sand e Gustave Flaubert. Os dois escritores discutiam suas diferentes concepções da literatura: Sand recomendava que a Literatura devesse se submeter à moral e provocar uma espécie de *consolação* ou conforto; Flaubert, em contrapartida, defendia que a obra literária tivesse apenas uma relação com a verdade e isso poderia provocar *desolação* em seus leitores. Mas essa não foi a questão culminante retratada nas trocas de cartas; Sand questiona o lugar do escritor na obra, e constata que a não intervenção do narrador diante das cenas descritas não poderia deixar de passar uma visão subjetiva.

De fato, Gustave Flaubert é conhecido pela precisão da escrita, "um artífice fanático da forma literária: a busca da 'palavra justa' (*lemot juste*), aquela que vai expressar o significado exato do objeto" (SOARES, 2010, p. 67). Nas respostas, Flaubert sabia que suas convicções impregnavam a sua obra, caberia ao leitor interpretar as ideias sugeridas ao longo da narrativa e encontrar um efeito moral. Essa distância colocada entre o narrador e o objeto descrito também foi alvo de acusações e polêmicas. Soares (2010) revelou que, o romance Madame Bovary, de 1857, causara danos irreparáveis durante toda a carreira do escritor. A história de uma mulher adúltera ofendera a religião e os bons costumes da época; em contrapartida, a obra de Flaubert trouxe contribuições que iriam muito além das gerações, marcariam a transição para o modernismo.

Trabalhando o texto literário

O texto literário, em si, carrega potencialidades que devem ser exploradas, debatidas com os estudantes de ensino fundamental e médio, e não reduzidas aos estudos gramaticais e fichas de leitura, que limitam as possibilidades de interpretação. É preciso investigar as marcas ideológicas presentes no texto, confiar na capacidade dos alunos de decifrá-los. O papel do professor, portanto, é de extrema importância na condução das discussões propostas em sala; esta tarefa possibilita a aprendizagem recíproca, alunos e mestres podem refletir juntos, acerca das obras, expor verdades, virtudes, estabelecer pontes com o nosso cotidiano altamente atribulado.

Quando não produzimos leitores proficientes, deixamos de formar mentes pensantes. Estudantes da Universidade de Columbia, em Nova Iorque, uma das mais conceituadas do país, pediam proteção contra o conteúdo de certas obras literárias, consideradas clássicas pela crítica. Algumas dessas obras tratavam sobre temas universais, porém com uma abordagem que poderia causar traumas, angústias, depressão e até mesmo levar ao suicídio, segundo os próprios universitários.

São razões que levam a psiquiatra Manuela Correia (*apud* LUCAS, 2016, p. s/n) a crer numa espécie de "infantilização da sociedade", isto é, uma "sociedade que não consegue lidar com o medo ou com a pluralidade da linguagem" a palavra literária seria o estopim, "a ação limite" para sucessivas tragédias.

Desse modo, lidamos com a problemática de considerarmos uma forma eficiente de levarmos a cabo o estudo da Literatura nas escolas, uma vez que, "longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano" (TODOROV, 2012, p. 24). A Literatura, diferente de qualquer disciplina escolar, contribui de muitas formas para a formação crítica de cada um.

> Ter como professores Shakespeare e Sófocles, Dostoievski e Proust não é tirar proveito de um ensino excepcional? E não se vê que mesmo um futuro médico, para exercer o seu ofício, teria mais a aprender com esses mesmos professores do que com os manuais preparatórios para concurso que hoje determinam o seu destino? Assim, os estudos literários encontrariam o seu lugar no coração das humanidades, ao lado da história dos eventos e das ideias, todas essas disciplinas fazendo progredir o pensamento e se alimentando tanto de obras quanto de doutrinas, tanto de ações políticas quanto de mutações sociais, tanto da vida dos povos quanto da de seus indivíduos. (TODOROV, 2012, p. 93)

A própria literatura fantástica, constitui um gênero literário que apresenta ambiguidades entre a realidade e o sonho. A epistemologia, com seus instrumentos de análise, serviria como base, na tentativa de compreender "a representação literária do mal em forma de sonhos, devaneios, alucinações, visões, delírios e outros equívocos relacionados à incompreensão da realidade" (SÁ, 2011, p.143).

Os escritores dispostos a conduzir o leitor por uma linha narrativa que promove a fuga da realidade comum, lidariam com técnicas ou artifícios linguísticos que favorecessem situações de mistério, suspense e tensão. O desafio epistemológico, portanto, estaria voltado para a

investigação desses "instantes de deslumbramentos e trazendo o leitor de volta à lucidez" (SÁ, 2011, p. 144).

Essa experiência oposta ao gênero mais real e cotidiano, não poderia deixar de gerar contestações, como o conhecido caso de proibição da obra *Alice no País das Maravilhas*, na província de Huran, na China. O censor e general Ho Chien afirmou, em 1931, que ter animais falantes na estória constituía um insulto à raça humana, à inteligência do homem. Porém Sá (2011, p. 150), ao identificar as Fissuras da Razão, presentes na obra de Álvares de Azevedo, José de Alencar e Machado de Assis, verifica que tais construções textuais não significam falhas de uma expressão cognitiva ou psicológica da mente, mas "uma literatura que propõe uma reflexão crítica sobre o funcionamento das nossas ideias. Em essência, a noção do que é gótico contém um raciocínio avaliativo que engloba questionamentos sobre as teorias que usamos para explicar o mundo que achamos que entendemos".

É muito mais do que a simples fuga da realidade, condicionando o leitor a momentos de estranhamento e perturbação; existe um comprometimento com a verdade, ou pelo menos em tentar revelar "compreensões parciais do mundo, mapas incompletos da realidade e falhas no processo racional" (*op. cit.,* p. 150). Existe hoje uma preocupação muito grande quanto aos efeitos e mudanças de comportamento que tais literaturas venham a causar na vida da criança e do jovem.

Wiker (2015, p. 7) expõe as disparidades de pensamentos e opiniões distorcidas em obras consagradas, revelando um posicionamento diante de tais leituras:

> Devemos queimar os livros? É claro que não! Uma reação como essa é insustentável, no mínimo ambientalmente falando. Como eu aprendi há muito tempo, a melhor cura – a única cura, aliás, já que os livros realmente maléficos se multiplicaram como vírus através de um sem-fim de edições – é *lê-los*. Conhecê-los de trás para frente, e de frente para trás. Agarrar o coração maligno de cada um deles e expô-los à luz do dia.

E complementa: "O adjetivo 'grande', é claro, não serve de sinônimo para 'bom', mas capta, em vez disso, a verdade triste e simples de que há livros profundamente malignos e livros profundamente bons" (*Op. cit.*, p. 168). O leitor ativo não deveria se contentar com uma ou duas leituras que poderiam embasar suas opiniões e fundamentá-las: a literatura oferece reflexões sobre os mais variados temas, uma espécie de treino para as situações da vida. O leitor deve ter a consciência de separar o joio do trigo, aquilo que interessa daquilo que não

lhe interessa e essa autonomia no pensar, não se deve por vias da proibição, os livros devem ser submetidos à investigação, cabe ao leitor questionar as insinuações do autor.

Partindo de tal premissa, consideramos agora as perspectivas de leitura que poderiam ser desenvolvidas junto com os alunos do ensino básico e também salientaremos a experiência prática do escritor contemporâneo Fernando Farias, que aceitou tecer opiniões em favor da nossa pesquisa.

O texto literário na escola – sugestões didáticas

As Teorias da Literatura desenvolvidas nas instituições acadêmicas não contemplam uma resposta universal de como o professor poderia ajudar os alunos na aquisição da leitura funcional. Lajolo (2005, p.89) observou que toda tentativa de teorização da literatura implicara a seleção de textos que oferecessem os traços convenientes para classificá-los como literários. A pesquisadora reconhece também, o caráter complementar de tais estudos para a fundamentação crítica do pesquisador na área, mas questiona como essas contribuições poderiam inspirar as atividades tradicionais de leitura nas escolas. Os protocolos e convenções instaurados parecem insatisfatórios, porque não correspondem às expectativas propostas pela cultura dominante. O texto se torna hermético para os leitores, quando estes não dispõem de recursos, atitudes, habilidades e conhecimentos prévios para tornar a leitura elucidativa; consequentemente, obtemos aulas mecânicas, apenas atendendo ao cumprimento de um programa sem muito significado, do ponto de vista dos alunos.

Perini (2005, p.78) alerta para constatações reais: "A maior parte da população brasileira adulta é funcionalmente analfabeta"; e a segunda verdade incômoda: "A escola não está vencendo o desafio de alfabetizar funcionalmente a parcela da população que consegue chegar a ela" (*Op cit*., p. 79). Se levarmos em conta a situação dos estudantes de classe médio-alta percebemos que estes dispõem das condições necessárias para uma aprendizagem satisfatória da leitura. Em contrapartida, os pertencentes às famílias de baixa renda dispõem de pouco acesso ao material escrito fora da escola. Isso torna o livro didático de suma importância, ao ser talvez o único material disponível, com que os alunos lidam de maneira prolongada.

O autor (*op. cit.*, p. 84-85) lamenta o fato de os materiais didáticos examinados conterem textos cuja complexidade equivale a de textos universitários e afirma que seria necessária a cooperação de autores, editoras e escolas, no sentido de aperfeiçoar critérios e reformular os textos sugeridos para cada faixa etária escolar, com a intenção de favorecer a aquisição da leitura funcional.

Compreendemos o caráter emergencial de, inicialmente, promovermos o estudo de textos mais informativos, e capacitar os alunos a lidar com leituras mais corriqueiras. Por outro lado, também precisamos criar situações instigantes e plantar a semente do gosto literário em nossas crianças, durante as atividades alfabetizadoras. Perini (*op. cit.*, p. 81) reconhece que a melhor maneira de aprender a ler é lendo; desse modo, o professor precisaria selecionar os textos adequados para promover este despertar, buscar soluções criativas. O aluno de classe baixa tem o direito de conhecer o prazer de ler literatura, e este despertar não deve ser adiado.

Para Lajolo (2005, p. 95) o professor de língua materna poderia considerar outros discursos, igualmente riquíssimos, estimular as relações entre autor/leitor por meio de uma literatura divergente, isto é, não oficializada pela comunidade interpretativa dominante. Trata-se da *subliteratura*, *literatura popular*, *literatura infantil*, *literatura de massa*, entre outros. Costa (2003, p. 14) apresenta uma justificativa plausível:

> Grandes talentos literários contemporâneos e conterrâneos não são sequer citados, negando-se, desta forma, o espaço de expressão dos valores locais e regionais. Os alunos vêem-se às voltas com sisudos senhores, que pouco lhes dizem, e sem compreender por que aquele seu vizinho, por exemplo, que faz versos tão interessantes, não tem lugar na escola.

Costa (*op. cit.*) enfatiza o pouco espaço atribuído à Literatura Popular em nossas escolas, visto que, na maioria das vezes, o assunto é retratado como algo "exótico, em tempos de comemorações de folclore (...). Literatura de Cordel, violeiros repentistas, declamadores populares são tidos como subliteratura, indignos de frequentar a seleta antologia de autores escolares".

O cânone literário, com o seu caráter exclusivista e sacralizador de autores renomados, por vezes, ofusca e coloca outros escritores, igualmente bons, porém pouco conhecidos, na margem, na penumbra: "Muitos de nossos jovens estão se distanciando das experiências de seu próprio grupo. Alguns chegam a esconder-se, a não revelar algumas experiências, talvez por nunca ter sentido relevância social nela" (PINHEIRO, 2008, p. 20). Segundo Pinheiro, trabalhar com a Literatura de Cordel, por exemplo, estimularia o olhar mais investigativo de crianças, em diferentes fases do ensino fundamental, valorizaria um conhecimento que lhe é mais próximo, esclareceria a palavra escrita.

Pensar na formação de leitores numa sociedade mais voltada ao consumo desenfreado constitui um verdadeiro desafio para o professor de língua materna. Nossa geração é mais habituada à praticidade, isto é, soluções rápidas. Somos facilmente fisgados pela *onda* do

momento, o filme, a série, os aplicativos de redes sociais e outras dispersões, que, inconscientemente, criam pessoas sem foco, com tendência a serem procrastinadoras em excesso.

O que levaria o jovem a tamanho esforço de ler uma obra literária considerada densa, devendo, por vezes, realizar exaustivas consultas ao dicionário? Seria preciso que esse despertar começasse no seio familiar, logo nos primeiros anos da criança, e depois reforçado na escola. Sem as motivações iniciais da família, caberia ao professor a tarefa de recuperar e proporcionar uma experiência válida e pouco traumática:

> A introdução do texto literário em classe deve sempre ter em conta o universo dos seus receptores, estabelecendo, se for o caso, uma "gradação textual" para trazer ao público estudantil primeiramente o que for mais fácil **para depois, paulatinamente, chegar ao mais difícil**. (JOBIM, 2009, p. 116-117- Grifo nosso).

Kleiman (2007, p. 17-24) expõe diversas práticas, ainda perpetuadas no ensino, e suas irregularidades. Trata-se da leitura do texto literário como meio para desenvolver atividades de cunho gramatical, ou seja, a identificação das classes de palavras do português, frases exclamativas, identificação dos ditongos, entre outros exercícios tradicionais. Formar estudantes letrados pressupõe professores proficientes, que saibam planejar e direcionar as discussões promovidas pelos diferentes gêneros textuais; em outras palavras, por trás de todo aprendizado, deve existir docentes apaixonados pela leitura.

Desse modo, devemos esclarecer caminhos que facilitarão a tarefa de levar uma autêntica concepção de leitura a ser ensinada na escola. Kleiman (2007, p. 31) analisa os aspectos cognitivos da leitura e considera o conhecimento psicológico do processo, extremamente importante. Segundo ele (*op. cit.*, p.32), a percepção do objeto escrito começa pelos olhos, passa a uma *memória de trabalho*, responsável pela decifração dos códigos, que forneceria informações úteis para uma *memória intermediária,* encarregada de priorizar o conteúdo relevante a ser armazenado na *memória de longo prazo* do leitor.

Isto posto, caberia ao professor desenvolver estratégias pedagógicas, a fim de promover o maior rendimento possível da leitura realizada em classe. Inicialmente, teríamos a leitura prévia/silenciosa, por parte dos discentes e docente; em seguida, a leitura em voz alta pelo adulto. Nesse segundo momento, o professor ajudaria os alunos tornando a atividade *comunicativa*, passível de ser interpretada por meio de perguntas, comentários, decifração dos gráficos, detecção das palavras-chave e, "com o auxílio de pistas PROSÓDICAS, isto é, pistas que

procedem da maneira como pronunciamos, a ênfase, a entoação, o ritmo (mais rápido ou devagar), que facilitam o processamento". (KLEIMAN, 2007, p.38).

A autora sugere que o professor de língua materna, evite os piores exemplos do livro didático. Textos com níveis de complexidade escrita maiores: "intercalações ou encaixes, inversões de ordem canônica, anáfora, isto é, mecanismos para ligar e retomar palavras que se referem a uma mesma coisa no texto" (*Op. cit*, p. 39) nas séries iniciais, visto que, tais estruturas sintáticas complexas sobrecarregariam a *memória de trabalho* do leitor iniciante, dificultando a compreensão plena do texto.

Encontrar estratégias de leitura para abordagem dinâmica em sala de aula é justificável, pois:

> No ato da leitura está envolvido bem mais do que o movimento individual dos olhos. Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço. Ao ler, estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro. (COSSON, 2006, p. 27).

Em outras palavras, a leitura pode até ser um ato solitário, mas a interpretação deve ser um ato solidário. Desse modo, é possível unirmos as teorias sobre leitura, e traçarmos um processo sequencial. Para Cosson (2006, p. 40), a primeira etapa consistiria na *antecipação* de informações indispensáveis, ante o ato da leitura. Kleiman (2007, p. 50) chama de *estratégias metacognitivas*, operações de controle consciente, para definir os objetivos das ações propostas. Ao esclarecermos os pontos que deverão ser trabalhados, o aluno adota uma postura diferenciada, isto é, foco e concentração tornam-se elementos fundamentais para realizar o cumprimento da tarefa. A segunda etapa consistiria na *decifração* do texto, quanto maior a familiaridade com as letras, palavras, enunciados, mais fácil torna-se o processo de *decifração.* A terceira etapa seria a *interpretação*, que poderia acontecer durante o processo de *decifração*, conforme o nível de maturidade dos leitores. Nesse momento negocia-se o sentido do texto através de um diálogo estabelecido entre autor, leitor e comunidade, sem desconsiderar o contexto. Segundo Cosson (2006, p. 41) o contexto é "simultaneamente aquilo que está no texto, que vem com ele, e aquilo que uma comunidade de leitores julga como próprio da leitura".

O escritor e professor Fernando Farias, salienta outra dinâmica para o ensino de Literatura nas escolas, as *Oficinas Literárias*:

> Tudo é uma brincadeira gostosa, criar, inventar e escrever histórias. Mostro o quanto é prazeroso usar a mente para brincar com as palavras. Nada de lúdico, nem castelos nem princesas. Nada bobinho, nada é infantil. Coisa de gente grande. Textos de apoio, sempre contos e letras de músicas. Muitos exercícios e técnicas. Alguns livrinhos de minicontos em formato de cordel já foram editados com os trabalhos dos alunos. Faço de tudo para fugir das aulas tradicionais, é uma bagunça criativa, não digo que sou professor, perco toda autoridade, e é permitido palavrões e sair da aula quando desejarem. Só fica quem quer. Às vezes faço um teste de passar um exercício e sair da sala, vou lanchar, e meia hora depois a turma continua na mesma atividade. Eu já sou um indiferente.
> É pelas oficinas que continuo escrevendo. A meninada me provoca, aprendo com eles. Já usei textos de Anton Tchekhov com uma turma de 12 anos e foi um sucesso. Eles aprendem a ler e escrever sem perceber. E nem eu digo. (...) Se os jovens não leem, se as escolas não ensinam, se ninguém faz nada, eu resolvi fazer e até viver disso. Esqueçam as aulas de literatura. Nada falo sobre a Semana de Arte Moderna, nada ensino do Parnasianismo, nada ensino de redação para vestibulares e a gramática só entra quando é necessária. (Entrevista com Fernando Farias Filo, 24/04/2016).

Propor Oficinas Literárias para turmas do ensino fundamental e ensino médio requer objetivos práticos, ação dos estudantes. Para isso, o professor de Língua materna poderia começar com aulas expositivas, isto é, apresentando os conteúdos que serviriam de norte para os alunos, e, posteriormente, os objetivos específicos da atividade seguinte. Sem direcionamento, as oficinas literárias perdem o seu sentido eminente. Por meio delas, os alunos encontram oportunidade de exercitar a sua veia criativa, testar aquelas figuras de linguagem que antes se resumiam a *decoreba* dos conceitos para a realização da prova; ambiguidades teriam uma nova chance se fossem escritas de maneira inteligente; a composição de versos e estrofes ofereceriam escolhas de palavras mais criteriosas para criação de rimas originais etc. É possível melhorarmos a educação das escolas brasileiras identificando o problema pela raiz. O professor deverá ser um eterno estudante, procurando atualizar sua prática e propor novos desafios aos seus alunos. Estes últimos, vale salientar, deverão estudar de maneira **correta**, em busca do aprendizado prolongado.

Segundo Piazzi (2014, p.100), o processo de aprendizagem vai muito além das circunstâncias criadas em sala de aula, obedece a um ciclo *circadiano*, ou seja, inicia-se e termina em 24 horas. Durante esse tempo, o aluno deveria *assistir* aula, pois, o estímulo gerado pela descoberta do novo seria *estudado* quando ele estivesse sozinho, em casa. Por último, o sono seria restaurador para *fixar* as informações recém-adquiridas; este aluno hipotético deveria manter a disciplina dos estudos durante toda sua fase escolar, e não apenas concentrando esforços em tirar boas notas, para depois esquecer gradativamente aquilo que aprendeu. Isso explica o baixo desempenho de "estudantes" brasileiros no último PISA (Programa Internaci-

onal de Avaliação de Alunos). O Brasil ficou entre as piores colocações e isso tudo poderia ser contornado se nossos alunos aprendessem a estudar de verdade. Se os estudos tornam-se um hábito diário, tudo fica mais fácil. É claro que não podemos negar outros problemas de ordem macroestrutural, baixos salários e nossa educação pública nas mãos de governos corruptos, aspectos estes que não serão aqui discutidos.

Nossos alunos precisariam ter a consciência e autonomia de saberem separar o joio do trigo. Para isso, eles deveriam ser preparados desde o ensino fundamental, e cultivar a disciplina de estudar rigorosamente todos os dias. Com estas condições, o ensino médio poderia exigir um pouco mais. Kothe (2004), em livros dedicados ao estudo e análise do cânone literário brasileiro, ressalta a importância de levarmos a Literatura que realmente importa, isto é, aquela que instigou revoluções, sugeriu críticas, que foi desprezada e depois reconhecida pelo cânone, por justamente suscitar verdades que não poderiam ser negadas.

Desse modo, nossos discentes poderiam conhecer a Literatura de qualidade, aquela que de fato contribuiu e influenciou muitos escritores, inclusive brasileiros, hoje pertencentes ao cânone nacional. Se as ideias defendidas eram positivas ou não, caberia ao aluno investigar minuciosamente, tarefa mediada pelo professor, sem jamais sugerir as respostas "certas" ou "previstas", mas considerar as leituras que foram pertinentes, justificadas. Os estudantes não poderiam concluir o ensino médio sem compreender a essência de sua finalidade:

> Arte é transcendência, não no sentido religioso de advento de uma instância metafísica, e sim no duplo sentido de arrancar o sujeito de sua circunstância e permitir o acesso a algo além do aqui e agora. A arte é sempre **subversiva, no sentido de arrancar o sujeito da tirania de sua circunstância e de seu conformismo.** Ela é sempre um desafio, um convite ao crescimento, um princípio de desautomatização. Ela é o **anticanônico por excelência**. Somente pode ser gerada a partir de uma experiência de choque e de uma vivência de exclusão. Ela é a elaboração de um abismo que separa o sujeito de sua circunstância e o leva ao espaço privilegiado de alguma espécie de moldura, dentro da qual ele opera o seu milagre criativo. A obra gera o êxtase porque é gerada num *ex-stare.* Ela supera suas circunstâncias porque faz delas a instância de superação do aqui e agora. (KOTHE, 2004, p. 473 – grifo nosso).

Conscientes daquilo que existe de melhor em termos literários, os futuros leitores, já proficientes, saberiam afirmar quais escritores mereceriam atenção: "Tanto assim que a ausência ou presença da reação do público, a sua intensidade e qualidade podem decidir a orientação de uma obra e o destino de um artista". (CANDIDO, 2008, p. 86).

O grande perigo consiste se mantivermos o quadro atual de ensino e não prepararmos nossos alunos a serem mais do que expectadores, isto é, seres completamente indiferentes à realidade social, com opiniões ingênuas, sem fundamento.

A relação entre leitor e mundo

Chartier (2009), em conversações estabelecidas com Jean Lebrun, compreende a historicidade do texto escrito e de seus variados suportes, conforme o avanço das gerações. Por meio da revolução eletrônica, o texto, a imagem e o som poderiam ser conservados no mesmo suporte, como uma espécie de enciclopédia, com a diferença de maiores possibilidades na interatividade:

> Refletir sobre as revoluções do livro e, mais amplamente, sobre os usos da escrita, é examinar a tensão fundamental que atravessa o mundo contemporâneo, dilacerado entre a afirmação das particularidades e o desejo de universal. (CHARTIER, 2009, p.133).

Bakhtin diz que, o papel principal da linguagem é o de comunicação, isto é, na relação entre emissor e receptor existiria muito mais do que a simples compreensão passiva do sentido, duplicata do pensamento para o espírito do interlocutor. Este assume uma atitude responsiva ativa, ao lidar com "a situação social mais imediata e o meio social mais amplo" (BAKHTIN, 1997, p.113).

O escritor, portanto, lida com desafios constantes para alcançar seus possíveis interlocutores: "A difusão dos livros passa, atualmente, menos pelos críticos e professores universitários do que pelos agentes literários, e pelas várias formas de publicidade" (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 176). Livros *best-sellers* nem sempre carregam consigo sinônimo de qualidade. Por outro lado, escritores como Fernando Farias têm encontrado saídas alternativas para enfrentar a dificuldade na venda de suas obras:

> O maior obstáculo é a distribuição. Ser escritor não é um bom negócio financeiramente. No início procurei editoras. Máfias. Propostas indecentes. Você sabia que o autor fica apenas com 8% do preço vendido e que não recebe em dinheiro? De cada mil livros editado o autor recebe 80 livros para ele mesmo vender. As livrarias querem 50% do preço de capa. Autores de livros didáticos levam meses para receber uma mixaria sem nenhum controle de quantos livros foram impressos e vendidos. É impossível para o autor distribuir os livros para o Brasil. O autor independente, aquele que ele mesmo paga a confecção dos livros, sai com os livros debaixo dos braços entre parentes, amigos e em mesas de bares. No meu caso, desde o início, contei com a internet, com as redes sociais e blogs. Mais de 9 mil livros vendidos. Não é fácil. (Entrevista com Fernando Farias Filo, 24/04/2016).

Esta é a situação real vivenciada por muitos escritores, que desejam ver suas obras lidas, apreciadas por um grande público. A palavra mercadoria chega a encontrar condições muito piores que as encontradas por outros artistas/profissionais, sejam pintores, escultores, músicos etc. Alguns poderiam afirmar que só os bons permanecem, com o passar do tempo, porém, isto constitui verdadeiro engano ao catalogarmos exemplos de escritores consagrados, veremos que muitos deles resistiram à ação do tempo por terem sidos descobertos, na sorte, por meio de traduções, por exemplo.

As editoras não dispõem de profissionais capazes de reconhecer o material de qualidade, e estão mais preocupadas com o valor de mercado e de fazer seus "escritores" selecionados parecerem clássicos, diante do público leitor, pouco instruído. Por meio de resenhas publicitárias, feitos sob encomenda, muitos *Best-Sellers* ganham mais visibilidade e repercussão, enquanto outros escritores dignos de apreciação permanecem na penumbra.

Falando, agora, sobre a qualidade da literatura produzida atualmente, Fernando Farias afirma:

> Temos que admitir que falta qualidade literária, por mais que se questione que o que venha a ser esta qualidade. Faltam bons livros. Publicar um livro não torna ninguém um bom escritor. Nossa produção é pobre. Ainda se acha que se pode ser escritor sem muita leitura e sem muitos anos de estudo. Todo mundo quer escrever poemas sem ler livros de poesias. Sem uso de técnicas. Quem nunca estudou com afinco Fernando Pessoa, Drummond, Quintana e Manoel de Barros não pode ser poeta. Patativa do Assaré não surgiu por acaso. Ninguém é inspirado por musas e escreve um poema numa tacada só. (Idem)

Kothe (2004, p. 483) considera que "os clássicos conseguem ser lidos como contemporâneos, mas os contemporâneos não sustentam ser lidos como clássicos". O pesquisador ainda acrescenta o fato de os escritores não conseguirem sobreviver dos seus escritos, precisariam dividir o seu tempo com outra profissão para garantir seu sustento, o que pode influenciar na qualidade da produção. Outros autores mais obsessivos pela fama adaptam seus textos para cair no gosto do público destreinado, e, assim, nada acrescentam de novo.

Ainda sobre a questão da divulgação, demos a palavra a Fernando:

> É o próprio autor quem deve divulgar suas obras e tornar-se conhecido do leitor e com isso ter reconhecimento e visibilidade. Cabe ao autor formar seu público. E que por trás disso está desejo pessoal da fama, de se tornar uma celebridade. Vivemos numa época em que se deseja ser famoso sem ter em mãos boas obras que justifiquem o sucesso.

> Se observarmos bem, têm-se, hoje, muitos nomes de escritores conhecidos, que aparecem na TV, e nenhuma grande obra. Um dos erros é querer ser mais importante do que a obra. E como não surgem bons livros não há autor para ter visibilidade e reconhecimento. Basta aprender com os músicos que se divulgam, batalham por espaços, tem equipes de apoio e produzem músicas, nem sempre de qualidade.
> Mas é possível se viver de literatura, realizando cursos, palestras, escrevendo para jornais, realizando seus próprios eventos.
> Nunca vi um escritor chamado de famoso e que sai em capa de jornais sem menos de trinta anos de muito estudo e batalha. (Idem).

Conforme exposto na experiência de Fernando Farias, a Literatura de qualidade advém de uma leitura criteriosa. É preciso ter acesso aos escritores talentosos para que a influência seja digna, honrada. Machado de Assis, por exemplo, não escondeu sua admiração por diferentes obras da Literatura Universal, o escritor deixou vestígios dignos de nota, William Shakespeare era frequentemente citado. Possuir boas referências literárias é extremamente importante para a formação do futuro escritor.

Infelizmente, o avanço tecnológico nem sempre favorece a procura de textos mais consistentes, já acessíveis ao público. Sites com boas propostas são desativados por causa da baixa quantidade de acessos. Daí, a importância de conscientizarmos professores e alunos, na tentativa de recuperarmos o que de fato merece ser esclarecido, retomado. Se possível, trazer o escritor para dentro da sala de aula, auxiliando os alunos na tomada de consciência. Desse modo, autores, a exemplo de Fernando Farias, podem muito contribuir e receber o reconhecimento merecido.

Considerações Finais

Por meio da presente pesquisa, demonstramos a pertinente preocupação de validarmos, através de uma prática prazerosa, a disciplina de Literatura nas escolas, seja em turmas de ensino fundamental, seja principalmente nas aulas do ensino médio, pois, independentemente das escolhas profissionais realizadas pelos estudantes, a Literatura constituiria matéria indispensável, proporcionando suporte reflexivo para toda a vida.

Ensinar Literatura, portanto, não poderia ser conduzido de qualquer maneira. São necessárias aulas bem planejadas oferecendo base capaz de fazer com que os estudantes pensem por eles próprios, a partir do contexto apresentado pelas obras analisadas, uma atitude solidária, em busca da verdade por trás das entrelinhas do discurso.

Entretanto, ao considerarmos as últimas teorias perpetuadas no ambiente acadêmico, lidamos com uma triste deficiência, envolvendo o ensino de Literatura nas escolas; obras utilizadas como pretexto para o ensino da gramática normativa da Língua, produção de resumos, meramente denotativos, impossibilitando outros mergulhos interpretativos igualmente válidos; estudo das escolas literárias, e detalhes sobre a vida e obra dos autores selecionados. Estas práticas resultam na formação de leitores passivos e distantes.

O professor, antes de tudo, deveria reconhecer e estimular os talentos existentes na sua comunidade. A escola, enquanto instituição social poderia manter relação com os acontecimentos realizados fora dos muros escolares, além de debater, junto com os alunos, as problemáticas vivenciadas por nossos escritores, isto é, a questão do mercado editorial, a indiferença dos leitores, razões ligadas ao texto literário que exigiriam maior maturidade do público alvo, etc.

Sem o comprometimento dos estudantes, de nada adiantam teorias pedagógicas mirabolantes para auxiliar a prática do professor. Nossos alunos deveriam estudar todos os dias e não somente às vésperas de prova, atitude perniciosa que corrompe as avaliações promovidas pelo Ministério da Educação (MEC) e pelas avaliações do Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes (PISA). Aulas bem planejadas e atividades coerentes como dever de casa precisariam virar regra, pois, os alunos precisam ser estimulados a serem protagonistas na sua própria formação.

Entrevistamos o escritor pernambucano Fernando Farias, finalizando os nossos apontamentos: O desafio de ser escritor, numa sociedade de poucos leitores, e, o desafio de promover Oficinas Literárias, para, desse modo, enfatizar a formação de indivíduos capazes de compreender as relações estabelecidas em sociedade. Nossos jovens precisam ser desafiados diariamente, e esta percepção de crescimento talvez não seja imediata, mas será significativa ao longo prazo, quando as circunstâncias não forem muito propícias e aquela aula de Literatura do passado começar a fazer algum sentido.

READING AND WRITING: AN OUTLINE FOR LITERATURE EDUCATION

ABSTRACT

This paper intends to reflect on some of the reasons that transform Literature classes in Brazilian schools, in a boring matter, and then propose solutions that dialogue with the most recent debates in the academic world on the subject. Research of an investigative, bibliographic,

qualitative character, proposes the analysis of the power contained in the literary word, the subjective vision that promotes debates, incites revolutions and generates polemics. For the accomplishment of the referred study, Costa (2003), Bakhtin (1997), Foucault (2009), Todorov (2012), Chartier (2009), Cosson (2006) and other theorists of the area were consulted. In an attempt to assist in the reflections developed, an interview was made with the writer and professor from Pernambuco, Fernando Farias. We sought to re-evaluate the social practices adopted in Brazilian schools and formulate strategies that could develop proficient readers that intervene and promote changes in the cultural process.

Keywords: Literature. Dialogues. New Practices.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 14.ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. Trad. Maria Margarida Barahona. Prefácio: Eduardo Prado Coelho. - Lisboa: Edições 70, 1973.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. Joseph Campbell, com Bill Moyers. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil**: dinâmicas e vivências na ação pedagógica. São Paulo: Paulus, 2002.

CESARÉIA, Basílio de. **Carta aos jovens sobre a utilidade da literatura pagã**. Trad. Diogo Chiuso. Campinas, SP: Ecclesiae, 2012.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador**: conversações com Jean Lebrun. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 2009.

COSTA, Edson Tavares. Literatura na escola: o "assassinato" do gosto literário. *In*: SWARNAKAR, Sudha (org.). **Tecidos metafóricos**. João Pessoa-PB: Ideia, 2003, p. 103-122.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

FIORIN, José Luiz. Leitura e dialogismo. IN: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. (Orgs). **Escola e leitura**: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009. p. 41-57 (Coleção Leitura e Formação).

FOSTER, Thomas C. **Para ler romances como um especialista**. Trad. Maria José Silveira. São Paulo: Lua de Papel, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 18. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

JOBIM, José Luís. A Literatura no ensino médio: um modo de ver e usar. IN: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. (Orgs). **Escola e leitura**: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009. p. 113- 137. (Coleção Leitura e Formação).

KLEIMAN, Angela. **Oficina de Leitura**: teoria e prática. 11.ed. Campinas-SP: Pontes, 2007.

KOTHE, Flávio R. **O cânone republicano II**. Brasília-DF: Editora Universidade de Brasília, 2004.

LAJOLO, Marisa. **O que é Literatura**. 3.ed. São Paulo: Editora brasiliense, 1983.

_____. Leitura-literatura: mais do que uma rima, menos do que uma solução. *In:* ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (Orgs.). **Leitura:** Perspectivas Interdisciplinares.São Paulo: Editora Ática, 2005, p.87-99.

LUCAS, Isabel. **Há livros que nos fazem mal?** Disponível em: <https://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/ha-livros-que-nos-podem-fazer-mal-1722455> Acesso em: 15 de fevereiro de 2016.

MANGUEL, Alberto. **Uma História da Leitura.** Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MOREIRA, Herivelto. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

ORDINE, Nuccio. **A Utilidade do Inútil:** Um manifesto. Trad. Luiz Carlos Bombassaro. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

PERINI, Mário. A leitura funcional e a dupla função do texto didático. *In*: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (Orgs.). **Leitura: Perspectivas Interdisciplinares.** São Paulo-SP: Editora Ática, 2005, p. 78-86.

PIAZZI, Pierluigi. **Ensinando inteligência**. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2014.

PINHEIRO, Hélder. Literatura popular e ensino: leituras, atitudes e procedimentos. *In:* PINHEIRO, Hélder; PEREIRA, Jaquelânia (Orgs.). **Literatura e Formação de Leitores.** Campina Grande-PB: Bagagem, 2008.

PROENÇA FILHO, Domício. **A Linguagem Literária**. 3.ed. São Paulo: Editora Ática, 1990.

SÁ, Daniel Serravale de. Fissuras da Razão: Questões Epistemológicas em Álvares de Azevedo, José de Alencar e Machado de Assis. *In*: SANTOS, Josalba Fabiana dos; GOMES, Carlos Magno; CARDOSO, Ana Leal (Orgs). **Sombras do Mal na Literatura**. Maceió-AL: EDUFAL, 2011. p. 143-163.

SOARES, Marcos. A Precisão da Escrita. *In*: AGUIAR, Josélia. **7 clássicos Franceses**. São Paulo: Duetto, 2010. p. 63-67.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. 4 ed. Rio de Janeiro: DIFEL. 2012.

WIKER, Benjamin. **10 Livros que estragaram o mundo**: e outros cinco que não ajudaram em nada. Campinas-SP:Vide Editorial, 2015.

APÊNDICE:

ENTREVISTA COM FERNANDO FARIAS

Pergunta: O que desmotiva os nossos jovens a não criarem um ambiente de leitura e escrita no seu cotidiano?

Resposta - É que não aprenderam a ler e escrever. Não sabem interpretar textos. O que desmotiva os jovens são os velhos. Os velhos que também nunca leram. Se não há leitura na família e se os professores nas escolas também não sabem, como se pode esperar que estes jovens criem um ambiente de leitura?

Pergunta: São muitas as práticas desmotivadoras, concepções erradas sobre a natureza do texto que são propostas nas aulas de Língua Portuguesa?

Resposta - Não existem práticas desmotivadoras, na verdade não existe nada. Leitura é algo sem importância. Música brega é melhor. Há apenas os interesses comerciais das editoras em vender todo tipo de besteiras e modismos. Sua pergunta é boa porque estamos vivendo exatamente está época de manipulação e alienação, muito mais do que na época da ditadura. Os livros ensinam ao jovem a pensar, a abrir a mente, a ter opiniões, e isso é um perigo para os que estão no poder. Nenhum governante vê com bons olhos. Nenhum prefeito de seu estado saber ler e quer uma juventude lendo. Livros não geram votos. Não se motiva a leitura dos jovens porque eles não leem e eles não leem por que não se motiva.

Pergunta: Existem livros literários que fazem mal?

Resposta - Sim. Os livros silenciosos. Os que ficam fechados, que nunca foram lidos.

Pergunta: Muitos escritores no decorrer da história sofreram alguma espécie de punição ou censura de seus escritos, pelas instituições de poder na época. Como escritor de contos, o senhor já sentiu alguma espécie de autocensura ao querer lidar com assuntos mais polêmicos ou considerados Tabu? Em caso afirmativo, como lidou com essa questão?

Resposta - Eu não escreveria um livro sobre a vida de um pedófilo ou um fascista. Não conseguiria. Mas já fui criticado, por exemplo, por ter escrito num conto a palavra clitóris. Admito que seja rejeitado por pessoas que acham que escrever é falar coisas belas de auto-ajuda. Eu sei que sou iconoclasta, chuto o balde da hipocrisia e da mediocridade. Meus contos são denúncias. E os temas são mesmo polêmicos. Quando alguém me diz que leu meus livros e que os achou lindos eu sei que não leu. Meus livros podem ser tudo, menos lindos.

Pergunta: Quais foram os obstáculos enfrentados em termos de divulgação, editora e as saídas encontradas?

Resposta - O maior obstáculo é a distribuição. Ser escritor não é um bom negócio financeiramente. No início procurei editoras. Máfias. Propostas indecentes. Você sabia que o autor fica apenas com 8% do preço vendido e que não recebe em dinheiro? De cada mil livros editado o autor recebe 80 livros para ele mesmo vender. As livrarias querem 50% do preço de capa. Autores de livros didáticos levam meses para receber uma mixaria sem nenhum controle de quantos livros foram impressos e vendidos. É impossível para o autor distribuir os livros para o Brasil. O autor independente, aquele que ele mesmo paga a confecção dos livros, sai com os livros debaixo dos braços entre parentes, amigos e em mesas de bares.

No meu caso, desde o início, contei com a internet, com as redes sociais e blogs. Mais de 9 mil livros vendidos. Não é fácil.

Pergunta: O que poderia ser feito para que autores nordestinos obtivessem mais visibilidade e reconhecimento?

Resposta - Primeiro retirar este rótulo de nordestino. O Problema da visibilidade e do reconhecimento é do autor nacional, independente da certidão de nascimento. Segundo, temos que admitir que falta qualidade literária, por mais que se questione que o que venha a ser esta qualidade. Faltam bons livros. Publicar um livro não torna ninguém um bom escritor. Nossa produção é pobre. Ainda se acha que se pode ser escritor sem muita leitura e sem muitos anos de estudo. Todo mundo quer escrever poemas sem ler livros de poesias. Sem uso de técnicas. Quem nunca estudou com afinco Fernando Pessoa, Drummond, Quintana e Manoel de Barros não pode ser poeta. Patativa do Assaré não surgiu por acaso. Ninguém é inspirado por musas e escreve um poema numa tacada só.

Terceiro. Não é com dinheiro público enterrados em festivais literários ou enchendo de livros as bibliotecas vazias de gente. Os governos já têm muitos problemas para cuidar. Escritor não precisa de ajuda em nada dos governos, mas querem viver de editais e mantidos pelos governos. E na verdade quem ganha dinheiro são os produtores culturais e cabem aos escritores pequenos cachês e uma oportunidade de expor suas vaidades.

É o próprio autor quem deve divulgar suas obras e tornar-se conhecido do leitor e com isso ter reconhecimento e visibilidade. Cabe a autor formar seu público. E que por trás disso

está desejo pessoal da fama, de se tornar uma celebridade. Vivemos numa época em que se deseja ser famoso sem ter em mãos boas obras que justifiquem o sucesso.

Se observarmos bem tem-se, hoje, muitos nomes de escritores conhecidos, que aparecem na TV, e nenhuma grande obra. Um dos erros é querer ser mais importante do que a obra. E como não surgem bons livros não há autor para ter visibilidade e reconhecimento. Basta aprender com os músicos que se divulgam, batalham por espaços, tem equipes de apoio e produzem músicas, nem sempre de qualidade.

Na nossa cultura ninguém fica rico escrevendo livros. Nem mesmo Paulo Coelho. Mas é possível se viver de literatura, realizando cursos, palestras, escrevendo para jornais, realizando seus próprios eventos. O autor é escritor quando escreve, depois ele se torna vendedor de livros. Se não tem capacidade de ser vendedor deve desistir, ninguém fará filas para comprar um livro só por sua causa. Se sua obra não é desejada pelo leitor, é melhor nem editar.

Nunca vi um escritor chamado de famoso e que sai em capa de jornais sem menos de trinta anos de muito estudo e batalha.

Pergunta: As oficinas literárias tem sido uma proposta diferente e dinâmica. Como funciona o seu trabalho junto com os alunos das escolas? Quais foram às lições aprendidas?

Resposta – Se os jovens não leem, se as escolas não ensinam, se ninguém faz nada, eu resolvi fazer e até viver disso. Esqueçam as aulas de literatura. Nada falo sobre a Semana de Arte Moderna, nada ensino do Parnasianismo, nada ensino de redação para vestibulares e a gramática só entra quando é necessária.

Tudo é uma brincadeira gostosa, criar, inventar e escrever histórias. Mostro o quanto é prazeroso usar a mente para brincar com as palavras. Nada de lúdico, nem castelos nem princesas. Nada bobinho, nada é infantil. Coisa de gente grande. Textos de apoio, sempre contos e letras de músicas. Muitos exercícios e técnicas. Alguns livrinhos de minicontos em formato de cordel já foram editados com os trabalhos dos alunos. Faço de tudo para fugir das aulas tradicionais, é uma bagunça criativa, não digo que sou professor, perco toda autoridade e é permitido palavrões e sair da aula quando desejarem. Só fica quem quer. Às vezes faço um teste de passar um exercício e sair da sala, vou lanchar, e meia hora depois a turma continua na mesma atividade. Eu já sou um indiferente.

É pelas oficinas que continuo escrevendo. A meninada me provoca, aprendo com eles. Já usei textos de Anton Tchekhov com uma turma de 12 anos e foi um sucesso. Eles aprendem a ler e escrever sem perceber. E nem eu digo.

Pergunta: Em poucas palavras, comente sobre quem é Fernando Farias.

Resposta – Não tenho a mínima ideia. Estou tentando entender ainda, mas é muito confuso.